

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Memória, discurso, gênero e sua ação no sentido dos textos. IN ANDRADE, Carlos Augusto Baptista de e CABRAL, Ana Lúcia Tinoco (orgs.). **Práticas linguístico-discursivas: alguns caminhos para aplicação teórica**. São Paulo: Terracota, 2011. p. 13-46.

Memória, discurso, gênero e sua ação no sentido dos textos¹

Luiz Carlos Travaglia

O objetivo básico deste trabalho é comentar e discutir uma possível inter-relação entre memória, discurso e gênero e como agem no estabelecimento de sentido dos textos.

Pretende-se mostrar uma relação entre memória (linguística e não linguística), discurso e gênero, considerando o(s) efeito(s) de sentido possível(veis) pela memória e inserção discursiva do texto com seu gênero, trabalhando exemplares de dois gêneros comuns em nossa sociedade e cultura: os poemas e piadas, a partir de uma inter-relação ocorrida entre dois exemplos. Pretende-se evidenciar que a existência e funcionamento de discurso(s) e a existência e funcionamento de gênero(s) dependem, em larga escala, da memória, que é o meio humano de sua existência.

Vamos começar apresentando os dois textos de partida com

¹ Agradecemos a todos que contribuíram com sugestão de possibilidades interpretativas, como meus alunos da disciplina *Estudos da Significação: Semântica e Pragmática* no Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, no 1º semestre de 2011, mas especialmente a Carlos Drummond de Andrade que reuniu um vasto material de crítica, interpretação e intertextualidade com seu poema, agora atualizado por Eucanãa Ferraz (ANDRADE, 2010). Agradeço ainda a meus colegas Elaine Cristina Cintra, Ivan Marcos Ribeiro, Leonardo Francisco Soares e João Carlos Biella, do Núcleo de Teoria Literária e Literatura do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, pelas obras que puseram a minha disposição.

seus respectivos gêneros. O primeiro é o poema de Carlos Drummond de Andrade, intitulado *No meio do caminho*:

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra²

O segundo texto é uma piada:

Piada de Joãozinho e poema de Carlos Drummond de Andrade

Na sala de aula, o professor estava analisando, com seus alunos, aquele famoso poema de Carlos Drummond de Andrade:

“No meio do caminho tinha uma pedra.
tinha uma pedra no meio do caminho.

[...]

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho.”

Depois de ter explicado exaustivamente que, ao analisarmos um poema, podemos detectar as características da personalidade do autor, implícitas no texto, o professor pergunta:

— Joãozinho, qual a característica da personalidade de Carlos Drummond de Andrade que você pode perceber neste poema?

— Professor, das duas uma: ou ele era traficante ou era usuário!!!

A leitura que o leitor fez destes dois textos e o efeito de sentido que estabeleceu para cada um ficarão em suspenso por um momento, para introduzirmos alguns suportes teóricos a serem usados no comentário.

² Originalmente publicado na *Revista de Antropofagia*, em julho de 1928. Posteriormente foi incluído na obra *Alguma poesia*, de 1930.

LEMBRANDO DE DISCURSO, GÊNERO E MEMÓRIA

Entende-se por *discurso* a própria atividade comunicativa em si, ou seja, a atividade humana de produção de efeitos de sentido para a interação entre interlocutores por meio da linguagem. O discurso é um campo de regularidades, inclusive linguísticas, onde predominam determinadas visões de mundo ou ideologias, como queiramos dizer, conceitos, inter-relações que afetam o modo como o linguístico pode significar. Como dissemos em Travaglia:

Por ser uma atividade comunicativa é que o discurso precisa sedimentar regularidades que se tornam convenção³ a qual permite essa mesma comunicação, impossível sem as regularidades. Essas regularidades aparecem dentro das formações discursivas⁴ e são produzidas pelos enunciados⁵ inter-relacionados e formando um conjunto (campo ou domínio associado) que pode ser equiparado à formação discursiva. Para Foucault (1986) as *regularidades* são ordens, correlações, posições e funcionamentos, transformações que se podem estabelecer entre elementos do discurso ou de uma repartição discursiva. Elas podem ser definidas em diferentes planos: o da própria sociedade, o do conteúdo (ou dos significados) e o da língua em todos os seus estratos e componentes (TRAVAGLIA, 1991, p. 26).

O funcionamento discursivo de um texto será o seu uso para a interação comunicativa feita por um determinado locutor, para um interlocutor específico com um propósito determinado em um dado contexto sócio-histórico-ideológico e em uma situação específica de comunicação. O linguístico é o campo das significações possíveis, mas o discurso configura o campo das significações permitidas por sua ordem, do discurso. Assim, às vezes, sentidos possíveis para uma sequência

³ Ver Orlandi (1987, p. 97-113).

⁴ Sobre formações discursivas ver Foucault (1986, p. 43-44) e Orlandi (1986, p. 117; 1988, p. 64).

⁵ Sobre enunciado ver Foucault (1986, p. 98-99) e Guimarães (1989).

linguística são descartados pelo discurso com suas formações discursivas derivadas de formações ideológicas.

Como diz Bakhtin (2003, p. 289), “[...] a escolha dos meios linguísticos e dos gêneros do discurso é determinada, antes de tudo, pelas tarefas do sujeito do discurso (autor) centradas no objeto e no sentido.” Isto diz de uma relação direta entre o discurso e a constituição do texto para obtenção de um efeito de sentido.

O discurso, como afirma Santos (2007, p. 92), pode ser visto “[...] como um conjunto de enunciados efetivos, quer sejam falados, quer sejam escritos, oriundos de uma única formação discursiva”.

Todos os textos produzidos, enformados por determinado discurso, constituem uma interdiscursividade que leva o produtor e o receptor do texto a assumir determinados aspectos de sua competência discursiva, o locutor ao produzir o texto, inserindo-o em dado discurso, o receptor ao reconhecer que o texto participa de determinado discurso. Evidentemente pode haver uma confluência de mais de um discurso em um mesmo texto.

Gêneros são categorias de texto (TRAVAGLIA, 2007a, 2007b, 2007c) que existem e funcionam discursivamente em uma sociedade e cultura para a ação linguística. São um pré-acordo social, historicamente estabelecido sobre como fazer determinadas coisas com sucesso por meio da linguagem. Os gêneros são compostos por tipos e espécies e têm, portanto, entre outras, as características dos tipos de textos que os compõem e que representam modos de interação (TRAVAGLIA, 2007b, 2007c), além das características das espécies que porventura também entrem na sua composição. Permanecem no intertexto como modelos disponíveis. Seu sentido, enquanto textos, depende do discurso, da memória e do próprio gênero por suas características. O sentido dos gêneros é dado pelo funcionamento particular de cada um sob a ação da memória e do discurso. Assim, por exemplo, o que esperamos de um poema e de uma piada? Do *poema* espera-se sempre uma ideia

que tem a ver com o interior do homem, porque geralmente os poemas são líricos. Espera-se um sentido mais elevado na valorização dos sentidos pelos homens. Espera-se também uma linguagem mais elaborada e com uma função poética no sentido de Jakobson. Há que haver um encontro com o belo. Já da *piada*, por ser um gênero necessariamente humorístico, ou seja, composto pelo tipo humorístico como dominante e em fusão com o tipo narrativo (TRAVAGLIA, 2007b), espera-se uma comunicação não séria, em que o interlocutor sempre espera uma surpresa, advinda do cruzamento de dois mundos. O locutor parece conduzir para um mundo, de repente por um elemento geralmente chamado de gatilho, passa-se para outro mundo. Assim a comunicação no humorístico não é séria porque o locutor engana o interlocutor. Seria um rompimento sistemático com aspectos do princípio da cooperação de Grice. O gênero é, assim, considerado como um construto social, histórico e linguístico de um texto apropriado para a ação linguística em determinada situação por membros de comunidades discursivas. Podemos dizer que os gêneros são a memória discursiva da ação social pela linguagem.

Memória é vista como a faculdade por meio da qual se armazena eventos, fatos, conhecimentos, padrões, ideologias, noções etc. que nos permitem ser o que somos e agir como agimos, inclusive linguisticamente. Falamos evidentemente da memória de longo prazo que inclui a memória semântica com ação direta no estabelecimento de sentidos. Portanto, memória é um meio onde o que somos existe. O objeto da memória podem ser elementos de natureza individual ou de natureza coletiva. No segundo caso termina por formar o que se denomina de “conhecimento”. As diversas competências de uso da língua (competência linguística, competência textual, competência discursiva) se constroem por meio da memória (MICHELETTI, 2007, p. 51).

Qualquer usuário da língua traz na memória: a) o seu co-

nhecimento linguístico das possibilidades significativas dos diversos recursos linguísticos nos diversos planos (fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático) e níveis (lexical, frasal, textual), isto é, as pistas e instruções de sentido que cada recurso linguístico é capaz de trazer para o uso discursivo dos textos; b) a sua experiência com os gêneros que utiliza e leva para a compreensão do texto de dado gênero; c) uma experiência com a atuação em determinado(s) discurso(s) com sua(s) formação(ções) discursiva(s), derivada(s) sócio-historicamente de formações ideológicas. A memória discursiva nasce da relação da história com a expressão por um discurso “[...] dos aspectos sócio-ideológicos dos diferentes segmentos sociais” (SANTOS, 2007, p. 92-93).

A intertextualidade e interdiscursividade podem ser vistas como recurso da memória e essa como criadora daquelas. Há uma memória discursiva e uma memória textual, incluindo-se aqui os gêneros em que os textos são construídos.

O POEMA E A PIADA

A partir da proposta de que o sentido dos textos se estabelece pelo seu funcionamento discursivo com apoio da memória que contém as competências linguística, textual (incluída aqui a experiência com os gêneros) e das concepções de memória, discurso e gênero que acabamos de apresentar, pretendemos exemplificar alguns aspectos do estabelecimento do sentido dos textos, concretizando a proposta de que discurso, memória e gênero agem no estabelecimento do sentido de um texto. Dizemos alguns aspectos porque a vastidão do que interfere no estabelecimento dos possíveis efeitos de sentido não nos permite comentar tudo o que nossa memória pode nos trazer sobre os textos em foco.

Gostaríamos de lembrar que a interpretação de Joãozinho

na piada que lhe permitiu dizer que o autor seria um usuário ou traficante de crack não teria possibilidade de ocorrer até a década de 1990 (vemos aqui a inserção histórica dos aspectos sócio-ideológicos), uma vez que até então não havia nos discursos relativos ao tráfico e uso de drogas a regularidade e o conceito de pedra = pedra da droga crack. Não havia, portanto, também a regularidade linguística em que o item lexical pedra podia ter como pista ou instrução de sentido a esse valor de “pedra”. Essa possibilidade mais recente aparece intertextualmente, por exemplo, na propaganda que apresentamos abaixo⁶, constituída por um diálogo entre alguém (um homem) que faz promoção de uma operadora de telefone e uma pessoa (mulher jovem), seguido de uma fala de alguém que faz um texto injuntivo que chamamos de “narrador”.

Propaganda

Homem: — Estamos fazendo uma promoção e você pode fazer uma ligação de graça para quem quiser.

Mulher: — Então vou ligar pros meus pais! (pausa) — Mas... eu tô brigada com eles.

— Já sei! Vou ligar pro meu namorado! (pausa) — Se bem que ele não tem me respondido ultimamente.

— Ah! Que importa! Vou ligar pros meus amigos. (pausa) — Mas ultimamente eles sumiram todos.

Narrador: O crack afasta sua família, seus amigos, todos que são importantes para você. O crack vicia rapidamente. Não experimente! Não coloque uma pedra na sua vida.

A propaganda teria ou não uma referência ao poema de Drummond ou seria apenas o uso de uma regularidade linguística das que comentamos mais adiante e que o poeta também usou, mas dentro de outro discurso e com outro valor de pedra? Ou seja, Drummond pode não ser o inventor da “pedra

⁶ Esta propaganda foi reproduzida da memória do autor deste capítulo após ser ouvida na *Rádio INCA (Instituto Nacional do Câncer)*, frequência FM 102.5, em Uberlândia (MG), no dia 25 de agosto de 2011. Reproduzida desta forma, pode haver algum detalhe do texto que não coincide com o que foi ouvido, mas a transcrição de memória é próxima.

no meio do caminho”, mas certamente foi o seu mais bem sucedido divulgador. A surpresa e o riso na piada de Joãozinho aparecem, justamente pela inserção de um discurso onde não deveria aparecer, já que, como vimos, o poema, pela memória de funcionamento discursivo típico da poesia, deve trazer outros temas, desejavelmente mais nobres (o amor, a saudade, as inquietações do espírito etc.), embora muitos críticos tenham visto no poema de Drummond uma piada, uma *blague*, talvez justamente por acharem que uma pedra no meio do caminho não era tema digno da poesia. No que diz respeito a tais efeitos de sentido mais nobres podemos lembrar algumas interpretações dadas ao poema por críticos e leitores diversos.

Antes de falar dessas interpretações é preciso lembrar, trazer da memória, alguns elementos pertinentes sobre o poema de Drummond para tudo o que pretendemos falar aqui. O poema “No meio do caminho”, após sua publicação na *Revista de Antropofagia* em julho de 1928 não provocou muito alarde, mas após sua publicação no livro *Alguma poesia* (de 1930) provocou uma avalanche de comentários desfavoráveis e favoráveis. Foi o poema do Modernismo (nessa época um movimento já razoavelmente estabelecido) que mais provocou polêmica, foi criticado, elogiado, citado, musicado, inspirou charges e muitos outros poemas; foi utilizado intertextualmente em todas as áreas da ação de nossa sociedade, servindo de referência para comentários⁷ sobre a administração pública (inclusive porque Drummond tornou-se secretário do Ministério da Educação), na advocacia, na economia, no esporte, na escola/educação, na linguagem (principalmente porque usou “tinha” e não “havia”, como mandavam os cânones gramaticais, mas também por outros recursos, como a repetição), na moda, na arte, no teatro, no rádio, na terra natal, na confusão internacional, na políti-

⁷ Como se pode ver pelo levantamento feito pelo próprio Carlos Drummond de Andrade em Andrade (2010, p. 150-228). Usamos aqui a classificação dos usos feita por Andrade (2010).

ca, na glosa do cotidiano, para falar de emoções de viagem, de “*personae*” e várias outras coletadas pelo próprio Drummond. Por tudo isso “No meio do caminho” tornou-se talvez o poema que mais contribuiu para a divulgação do Modernismo.

Voltemos às interpretações. Saraiva (2010), na apresentação do livro *Uma pedra no meio do caminho – biografia de um poema*, lembrou uma possibilidade de efeito de sentido colocada por muitos críticos na linha dos temas nobres próprios aos poemas literários: esse poema foi publicado entre as duas grandes guerras mundiais e assim:

Os tempos eram favoráveis àquilo que uma corrente filosófico-literária, produto deles, viria a consagrar com “*náusea*”. “No meio do caminho” fala justamente dessa náusea que, através do símbolo da pedra no meio do caminho, se decompõe no *sentimento de incapacidade e fragilidade*, a que se referiu Mário de Andrade [...]” (SARAIVA, 2010, p. 33, grifos nossos).

Outras interpretações mais nobres do que a da piada e correlacionadas com o efeito de sentido acima, foram dadas por muitos que viram na pedra coisas como “[...] incapacidade, fragilidade, cansaço, cansaço intelectual, chateação, desalento, desânimo” (SARAIVA, 2010, p. 38) diante da vida, até mesmo *o sem sentido da vida* (CHAGAS apud ANDRADE, 2010)⁸, a *perplexidade*. Esta é inclusive a leitura de poetas contemporâneos de Drummond como Manuel Bandeira e João Alphonso em poema interpretativo que apresentamos mais adiante.

O momento de surgimento do poema pode nos autorizar a propor também que *a guerra* pode ser a pedra encontrada no meio do caminho da existência de todos. Aliás, convém lembrar que Drummond não diz que o caminho é a vida como o fez Dante no poema do Canto I do Inferno na *Divina Comédia*, intertextualidade a que voltamos adiante e, portanto, caminho = vida já

⁸ CHAGAS, Wilson. *Humour e desespero. Quixote*. Porto Alegre, RS, v. 2, 23 out. 1949 (apud ANDRADE, 2010, p. 118).

é interpretação de muitos, talvez da maioria, dos leitores do poema de Drummond.

Pode-se propor também que a pedra poderia ser vista como os *ataques* que Drummond previa sofrer ou já sofria e sofreu em quantidade bastante significativa, por fugir tão flagrantemente aos cânones anteriormente vigentes de uma poética ultrarromântica ou parnasiana e também a determinações da norma culta. Apenas para exemplo de que os comentários traziam ataques, podemos citar:

a) O poeta de hoje despreza o poético, o pitoresco, o interessante. Carlos Drummond de Andrade num de seus poemas, aparentado aos de nossos futuristas, chega ao limite do grotesco em sua rebeldia contra toda tradição (RÓNAI apud ANDRADE, 2010)⁹;

b) Trata-se do décimo-quinto dos quarenta-e-nove [...] poemas de *Alguma poesia* [...] O nome do poema é efetivamente “No meio do caminho” [...] foi fonte e apoio de sucesso e escândalo [...] tido então por alguns ou muitos como padrão ou de piada, ou de mau gosto, ou de acinte, ou de escárnio, ou de trivialidade, ou de apoesia (HOUAISS, 1976, p. 60);

c) Com efeito, o poema começou por instaurar o pânico na visão tradicional da poesia, pelo choque de sua nova concepção do poético: a poesia já não era o que se pensava (ARRIGUCCI Jr, 2002, p. 69);

d) O Sr. Carlos Drummond é difícil. Por mais que esprema o cérebro não sai nada. Vê uma pedra no meio do caminho [...] e fica repetindo a coisa feito papagaio.

“Tinha uma pedra no meio do caminho.

No meio do caminho tinha uma pedra!

Tinha uma pedra!”

Homem! E não houve uma alma caridosa que pegasse nessa pedra e lhe esborrachasse o crânio com ela? (FONSECA apud ANDRADE, 2010)¹⁰.

Aqui a memória puxa para tempos imemoriais e mesmo modernos em algumas sociedades, trazendo a questão do ape-

⁹ RÓNAI, Paulo. A másik Brazilia [O outro Brasil]. Ujság. Budapeste, 04 jun. 1939 (apud ANDRADE, 2010, p. 101).

¹⁰ FONSECA, Gondin da. Contra-a-mão. Se os ovos fossem baratos... *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 9 jul. 1938 (apud ANDRADE, 2010, p. 57).

drejamento de pessoas por terem comportamentos que contrariam regras estabelecidas. A pedra é instrumento de ataque e morte. Podemos lembrar também a história bíblica de David e Golias em que a pedra é instrumento de ataque e defesa. A memória constitui discursivamente o símbolo da pedra como “ataque” que perpassa muitos dizeres em diferentes sociedades. Este processo acontece com outras possíveis significações de pedra e o consequente sentido que pode ser atribuído ao texto como um todo. Estamos no discurso da pedra que é atirada, no qual é moldada a expressão “com quatro pedras na mão” que significa “com atitudes ou palavras agressivas; agressivamente” (FERREIRA, [2009]), certamente originária dos apedrejamentos como pena para desobediências às normas.

Pode-se, pois, perceber que as significações são constituídas por usos discursivos que se registram na memória.

A luta entre poéticas é referida por muitos. Além de Arrighucci Jr, conforme vimos acima, Alphonsus (apud ANDRADE, 2010)¹¹, criticando os que queriam a poesia no modelo passadista, fornece um soneto interpretativo de “No meio do caminho” com o intuito de mostrar que o poema em uma outra poética não seria o que é “No meio do caminho” e perderia aquilo que tem de melhor. E diz: “Preencho os claros — ou os escuros — do poema com as necessidades da métrica e da rima, que às vezes forçam a imagens ou expressões nem sempre muito justas (além de que, sou um poeta conscientemente aposentado)”. Eis a versão do poema moderno de Drummond em outra poética e que constitui apenas mais uma malha no tecido da intertextualidade:

No meio do caminho sem sentido
Em que a minha retina se cansava,
Em face ao meu espírito perdido
Naquela lassidão estranha e escrava,

¹¹ ALPHONSUS, João. A pedra no caminho. Folha da Manhã. São Paulo, 25 out. 1942 (apud ANDRADE, 2010, p. 103-105).

No meio do caminho sem sentido
Só uma pedra... Nada mais se achava!
Que tudo se perdeu no amortecido,
Morto marasmo de vulcão sem lava...

Que tudo se perdeu na estrada infinda...
Só a pedra ficou sob o meu passo
E na retina se conserva ainda!

Nem coração, furor, ódio, carinho,
Nada restou senão este cansaço,
A pedra, a pedra, a pedra no caminho!
(João Alphonsus)

Vê-se aí o desalento, o desânimo, o cansaço referido anteriormente.

Movidos pela incredulidade diante do rompimento com uma poética estabelecida, a que os modernistas contrapuseram outra, mas que parece só provocou quando Drummond publicou “No meio do caminho”, alguns pensaram no poema como algo humorístico. Veja as citações de Houaiss, feita anteriormente, e a de Oliveira, a seguir:

No seu primeiro livro, [...] Alguma poesia, há um pequeno poema, [...] que provocou escândalo, que já vi ser tomado, [...] *como manifestação de humorismo* e que me parece constituir a expressão de humildade diante das coisas até hoje alcançada por um poeta (OLIVEIRA, 1942, grifo nosso)¹².

Drummond refere-se à ação da memória nos versos:

“Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.”

Lembra de que? Da pedra. Qual pedra? Poderia ser a de sua infância, poderia ser sua origem do interior de Minas Gerais,

¹² OLIVEIRA, José Osório de. O poeta Carlos Drummond de Andrade. Ultramar. Lisboa, Portugal, v. 2, 1941 (apud ANDRADE, 2010, p. 101).

que nunca lhe permitiu no caminho deixar de ser o homem do interior com sua visão aparentemente simples das coisas e ir por caminhos desejados. Essa poderia ser a pedra que nunca o abandonou: Nasceu em Itabira, que a memória etimológica diz ser “pedra” em sua origem indígena com mais de uma significação possível: a) itá-bira: pedra levantada ou empinada; b) Itabira: pedra fulgente, flamejante; c) Itabira: moça de pedra)¹³. Como se percebe pela etimologia, memória e conhecimento do lugar, uma cidade marcada por uma topografia de pedra, de minério de ferro que está na alma como toda terra natal. Ou seria um amor não correspondido, uma moça de pedra, que o marcou para sempre seus sentimentos?

Itabira está na alma do poeta e aparece em sua poesia, como em “Confidência do itabirano” seu poema em que, mais diretamente, confessa essa presença em seu ser, onde a pedra habita, como habita em “A máquina do mundo”, onde o desalento já referido também se manifesta em sua plenitude. A intertextualidade se tece. Podemos evidenciá-la, mas não explicitar toda a sua rede.

*Confidência do itabirano*¹⁴

Alguns anos vivi em *Itabira*.

Principalmente nasci em *Itabira*.

Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.

Noventa por cento de ferro nas calçadas.

Oitenta por cento de ferro nas almas.

E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,

vem de *Itabira*, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.

E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,

é doce herança itabirana.

De *Itabira* trouxe prendas diversas que ora te ofereço:

esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil,

este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;

¹³ Etimologia disponível em: <http://www.descubraminas.com.br/MinasGerais/Pagina.aspx?cod_pgi=2750>. Acesso em 1 abr. 2012.

¹⁴ Em alguns exemplos grifamos os trechos que mais diretamente se relacionam com o fato que se comenta: um determinado conteúdo, a intertextualidade ou outros.

este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...
Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói! (ANDRADE, 1976, p. 45).

A máquina do mundo

*E como eu palmilhasse vagamente
uma estrada de Minas, pedregosa,
e no fecho da tarde um sino rouco
se misturasse ao som de meus sapatos
que era pausado e seco; e aves pairassem
no céu de chumbo, e suas formas pretas
lentamente se fossem diluindo
na escuridão maior, vinda dos montes
e de meu próprio ser desenganado,
a máquina do mundo se entreabriu
para quem de a romper já se esquivava
e só de o ter pensado se carpia.
Abriu-se majestosa e circunspecta,
sem emitir um som que fosse impuro
nem um clarão maior que o tolerável
pelas pupilas gastas na inspeção
contínua e dolorosa do deserto,
e pela mente exausta de mentar
toda uma realidade que transcende
a própria imagem sua debuxada
no rosto do mistério, nos abismos.
Abriu-se em calma pura, e convidando
quantos sentidos e intuições restavam
a quem de os ter usado os já perdera
e nem desejaria recobrá-los,
se em vão e para sempre repetimos
os mesmos sem roteiro tristes périplos,
convidando-os a todos, em coorte,
a se aplicarem sobre o pasto inédito
da natureza mítica das coisas,
assim me disse, embora voz alguma
ou sopro ou eco ou simples percussão
atestasse que alguém, sobre a montanha,
a outro alguém, noturno e miserável,
em colóquio se estava dirigindo:
“O que procuraste em ti ou fora de*

teu ser restrito e nunca se mostrou,
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,
e a cada instante mais se retraindo,
olha, repara, ausculta: essa riqueza
sobrante a toda pérola, essa ciência
sublime e formidável, mas hermética,
essa total explicação da vida,
esse nexo primeiro e singular,
que nem concebes mais, pois tão esquivo
se revelou ante a pesquisa ardente
em que te consumiste... vê, contempla,
abre teu peito para agasalhá-lo.”
As mais soberbas pontes e edifícios,
o que nas oficinas se elabora,
o que pensado foi e logo atinge
distância superior ao pensamento,
os recursos da terra dominados,
e as paixões e os impulsos e os tormentos
e tudo que define o ser terrestre
ou se prolonga até nos animais
e chega às plantas para se embeber
no sono rancoroso dos minérios,
dá volta ao mundo e torna a se engolfar,
na estranha ordem geométrica de tudo,
e o absurdo original e seus enigmas,
suas verdades altas mais que todos
monumentos erguidos à verdade:
e a memória dos deuses, e o solene
sentimento de morte, que floresce
no caule da existência mais gloriosa,
tudo se apresentou nesse relance
e me chamou para seu reino augusto,
afinal submetido à vista humana.
Mas, como eu relutasse em responder
a tal apelo assim maravilhoso,
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,
a esperança mais mínima — esse anelo
de ver desvanecida a treva espessa
que entre os raios do sol ainda se filtra;
como defuntas crenças convocadas
presto e fremente não se produzissem
a de novo tingir a neutra face
que vou pelos caminhos demonstrando,
e como se outro ser, não mais aquele
habitante de mim há tantos anos,

passasse a comandar minha vontade
que, já de si volúvel, se cerrava
semelhante a essas flores reticentes
em si mesmas abertas e fechadas;
como se um dom tardio já não fora
apetecível, antes despiciendo,
baixei os olhos, incurioso, lasso,
desdenhando colher a coisa oferta
que se abria gratuita a meu engenho.
*A treva mais estrita já pousara
sobre a estrada de Minas, pedregosa,
e a máquina do mundo, repelida,*
se foi miudamente recompondo,
enquanto eu, avaliando o que perdera,
seguia vagaroso, de mãos pensas
(ANDRADE, 1976, p. 197, grifos nosso).

Almeida (apud ANDRADE, 2010) propunha outro efeito de sentido: o de *algo estável que parece poder ser o apoio da alma*, o que é totalmente possível já que pedra é solidez:

Eis, na sua simplicidade, um acontecimento que não corresponde a um espanto de horror ou de deslumbramento, a qualquer impressão epidérmica na alma do poeta, mas sim a um *sentimento forte e duradouro em que o espírito se apóia* com segurança e tranquilidade em virtude de seu fundo estável e permanente (ALMEIDA apud ANDRADE, 2010, grifo nosso)¹⁵.

Almeida não diz qual é o sentimento forte em que o espírito se apoia.

Como se pode perceber, a memória vai tecendo e criando uma intertextualidade e uma interdiscursividade com elementos que passam a existir nela e podem daí ser ativados na presença dos textos para produzir efeitos de sentido diversos para dado interlocutor e para cada interlocutor.

Até agora temos atuado na produção de efeitos de sentido para o texto, entre outros, *discursos como*: a) o das poéticas e

¹⁵ ALMEIDA, Martins de. Alguma poesia. O Jornal. Rio de Janeiro, 10 ago. 1930 (apud ANDRADE, 2010, p. 98).

a da luta entre essas; b) o da Psicologia sobre os efeitos dos fatos (guerra, dificuldades, frustrações e decepções etc.) sobre o espírito humano; c) o dos tipos de texto (humorístico X não humorístico; lírico X não lírico) e o modo de interação que estabelecem; d) o “jurídico”, seja nas leis do Estado ou nas regras sociais, sobre o que se deve fazer quando alguém não atende as normas (apedrejar, discriminar, prender – esses atos seriam pedras no meio do caminho de alguém?).

Puxando pela memória podemos trazer à baila uma série de pistas ou instruções de sentido que aparecem como regularidades estabelecidas discursivamente na história da Língua Portuguesa em nossa sociedade para o item lexical *pedra*¹⁶:

- a) rocha grande ou pequena que pode obstruir, ser obstáculo ou ser atirada servindo de instrumento de ataque ou ser um incômodo (confira a expressão “pedra no sapato”);
- b) pedra preciosa, semipreciosa;
- c) pedra nos rins, na vesícula;
- d) pedra filosofal; “fórmula secreta que os alquimistas tentavam descobrir para transmutar metais comuns em ouro. Coisa difícil de descobrir ou de realizar”;
- e) material de construção;
- f) pedra de toque: “1 jaspe ou qualquer outra pedra dura e escura empregada pelos joalheiros para avaliar a pureza dos metais. 2 Fig. Meio de avaliar, de aferir”;
- g) pedra de crack: “bloco pequeno de maconha ou crack prensado”;
- h) lápide de sepulcro. Relacionado a este sentido vem a expressão “pôr/botar uma pedra em cima de”, significando encerrar um assunto, esquecer algo;
- i) pedra no sapato: “empecilho que incomoda constantemente; estorvo”;

¹⁶ Neste levantamento usamos também a memória arquivada em Houaiss e Villar (2001) e Ferreira ([20--]).

- j) pedra fundamental: “pedra que é assentada, em geral com solenidade, pode encerrar uma ata ou outros documentos, jornais do dia, moedas etc. e que marca o início de uma construção; primeira pedra”;
- k) pedra angular: “a fundamental, que faz ângulo de um edifício”, pedra que sustenta um arco nas construções ou, figuradamente, “base, fundamento”, “base sólida que legitima ou autoriza alguma coisa”;
- l) peça de alguns jogos (como o jogo de damas), inclusive alguns jogos de azar ou sorteios de números, como o loto, o bingo etc.;
- m)Etc.

A ideia da pedra como *obstáculo* é muito recorrente na interpretação do poema “No meio do caminho” e abre-se em um leque significativamente amplo de possibilidades quanto ao que representa obstáculos. Já está até mesmo dicionarizada: “Uma pedra no caminho. 1 Fig. Empecilho; obstáculo” (FERREIRA, [2009], verbete “pedra”). Assim Alphonsus (apud ANDRADE, 2010) sugere que os dois versos (Nunca me esquecerei/tão fatigadas) forneceria(m) talvez “[...] a chave do poema, isto é: a imagem que ele sugere e impõe dos intransponíveis obstáculos que estão nos caminhos da vida, da impressão de desencanto e cansaço diante desses obstáculos intransponíveis?” (apud ANDRADE, 2010, p. 102). Como se pode ver os obstáculos é que levariam ao cansaço, ao desalento, ao desencanto já aludidos, por serem intransponíveis. Esse efeito de sentido aparece nos comentários de muitos outros críticos e analistas e apareceu também no grupo de alunos de Graduação que consultamos.

As pedras no caminho como obstáculos podem ser elementos psíquicos, sociais, morais, problemas de saúde, de competência e condições para realizar algo, valores etc. e podem ser

especificamente muitas coisas. Como sugere Telles¹⁷ pode ser uma nota baixa em um exame (uma pedra no sapato, como ela diz), “[...] um encontro desfeito por causa da garoa, uma carta que não chegou no momento desejado, uma vaga que foi preenchida por um outro... Pedras, pedras, pedras”. Um grupo de alunos de Graduação consultados sugeriram coisas como: regras existentes em qualquer campo que impedem ou dificultam algo (incluo aqui as regras de produção da obra de arte poética ou não a que já aludimos), doenças, uma dificuldade sexual, o medo de qualquer coisa, pouca inteligência, falta de recursos, a própria rocha, preconceitos. Assim nossos alunos sugeriram fatos como: a) Queria ser padre. A pedra foi o desejo sexual e a exigência do celibato; b) queria ser esportista. A pedra foi uma doença, ou, por exemplo, a pouca altura, para ser um jogador de basquete. A pedra obstáculo, empecilho, mas também como algo que incomoda (a pedra no sapato) aparece no poema por ser algo que está presente obsessivamente na vida (confira as sete repetições no poema) incomodando, talvez por atrapalhar a realização de algo. As doenças vistas como obstáculos ao fluir normal da existência, podem ser um obstáculo geral, mas podem aparecer mais especificamente concretizadas em pedras nos rins, na vesícula que, como doenças podem ser pedras no meio do caminho, metáfora de vida. Os vícios como obstáculos morais ou de saúde (conforme o discurso que se tenha sobre os mesmos) ao desenvolvimento de algo ou de alguém, vão aparecer como pedras que perturbam a existência com os valores e usos de “pedra de crack” e em pedras como “peças de alguns jogos de azar ou sorteios de números, como a lotto, o bingo etc.” Aliás, nos jogos, a pedra que não sai pode ser o obstáculo para ganhar o prêmio, o jogo.

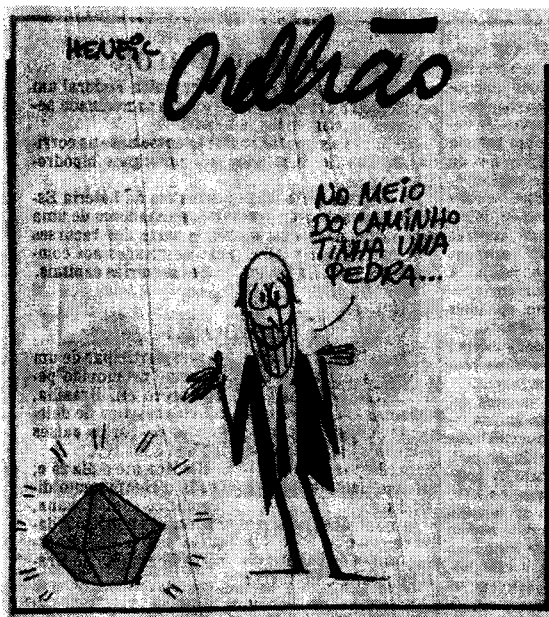
No campo dos valores vamos ter as pedras preciosa e semi-

¹⁷ TELLES, Lygia Fagundes. Poesia até o infinito. A Manhã, Letras e Artes. Rio de Janeiro, 1 maio 1948 (apud ANDRADE, 2010, p. 110-111).

preciosa, filosfal e de toque. Elas podem representar de modos diversos a questão dos bens materiais, vistos geralmente como dificuldade, impedimento, algo que corta o caminho para a realização de algo. Objeto de desejo do homem, a riqueza representada pelas pedras preciosas e semipreciosas, pelo valor daquilo cuja pureza a pedra de toque confere é com certeza uma pedra no meio do caminho, assim como o desejo de transformar as coisas em riqueza (ouro) por meio de alguma pedra filosfal. Quantos estancam suas vidas enfeitados por essas pedras em seus sentidos denotativos e conotativos?

A pedra de toque também pode representar a dificuldade de avaliar, de julgar tudo o que atravessa nosso caminho e a filosofar a dificuldade das descobertas. Em certo sentido, a pedra preciosa representa algo que tem valor para nós e pode nos paralisar ou impulsionar. Aqui acho interessante apresentar a charge de Henfil que aparece em Andrade (2010, p. 271) em que o artista se refere ao ministro da Justiça Ibrahim Abi-Ackel acusado de tráfico internacional de pedras preciosas em agosto de 1985. A denúncia foi a pedra no meio do caminho das atividades do ministro. Podemos e queremos propor outra leitura deslocando o trabalho de Henfil do discurso policial e político nos jornais para a vida de Drummond (dois discursos distintos): A figura de homem na charge pode bem ser vista como Drummond pelo aspecto físico, o brilhante poderia representar algo que foi importante para o poeta em sua vida. Quem sabe talvez a sua obra e a sua criação, mas, mais especificamente, pode ser o poema “No meio do caminho” uma pedra de toque e uma pedra fundamental, angular na criação da obra desse autor, já que esse poema teve o seu valor questionado e avaliado (pedra de toque), sendo rejeitado, apedrejado, criticado, insultado, odiado, mas também adorado, homenageado, amado, louvado e intertextualmente copiado, caricaturado, parafraseado, parodiado, plagiado, interpretado e reinter-

pretado, musicado. Foi assim talvez uma pedra fundamental na criação de uma imagem do modernismo participando de modo importante de sua instituição. O “sorriso amarelo” da figura de homem na charge pode ser a reação do tímido e reservado Drummond ao estardalhaço que seu poema provocou.



Fonte: O Globo, 17 ago. 1985 (apud ANDRADE, 2010, p. 271).

Resta-nos ainda comentar duas das possibilidades significativas de pedra: a pedra “lápide de sepulcro” e as pedras fundamental e angular.

A lápide sepulcral é a que vem não no meio do caminho, mas no fim do caminho, visto como vida. É a que encerra tudo. Não me parece que seja plausível no interdiscurso e no intertexto do poema em foco, validando algum efeito de sentido. A pedra fundamental é a que inicia a construção de algo, é a que está entre o projeto e o estado de realizado desse projeto. Como dissemos, talvez o poema em foco possa ser a pedra fundamental de Drummond na construção de sua poética, já que é

um dos seus primeiros poemas publicados e aparece já em seu primeiro livro. Como vimos, a pedra fundamental pode ser o que aparece na interpretação de Almeida (apud ANDRADE, 2010) de que a pedra seria *algo estável que parece poder ser o apoio da alma*. A pedra que é usada na construção de algo material, intelectual, espiritual etc.

Tantas possibilidades significativas aqui sumariadas são possíveis no interdiscurso, no cruzamento de muitos discursos, mas todos ligados fundamentalmente ao discurso que fala de nossa existência.

No meio do caminho é um poema que teve uma vitalidade intertextual em diversas formas (copiado, caricaturado, parafraseado, parodiado, plagiado, interpretado e reinterpretado, musicado, citado) e em diversos discursos (da administração pública, da advocacia e do direito, da economia, dos esportes, da escola/educação, sobre a linguagem, da moda, da arte, do teatro, do rádio, da terra natal, da confusão internacional, da política, da glosa do cotidiano, do turismo, sobre o ser humano e seu ser etc.) na sua maioria registrados pelo próprio poeta e Eucanãa Ferraz em Andrade (2010), povoando a memória de nossa sociedade. Por isso este poema realiza plenamente o princípio de que o discurso se estabelece pelo dito e pelo dizível, ambos em uma dimensão intertextual. Para finalizar vejamos um pouco dessa intertextualidade ocorrida com o poema da pedra.

No dito antes dele muitos apontaram e apontam uma relação de “No meio do caminho” com a “Divina comédia” de Dante Alighieri, no Canto I do Inferno, embora Drummond não diga que o seu meio do caminho é da vida.

Inferno
Canto I (trecho inicial)

No meio do caminho desta vida
me vi perdido numa selva escura,
solitário, sem sol e sem saída.

Ah, como armar no ar uma figura
desta selva selvagem, dura, forte,
que, só de eu a pensar, me desfigura?

É quase tão amargo como a morte;
mas para expor o bem que encontrei,
outros dados darei da minha sorte.

Não me recordo ao certo como entrei,
tomado de uma sonolência estranha,
quando a vera vereda abandonei.

Sei que cheguei ao pé de uma montanha,
lá onde aquele vale se extinguiu,
que me deixara em solidão tamanha,

e vi que o ombro do monte aparecia
vestido já dos raios do planeta
que a toda gente pela estrada guia.

Então a angústia se calou, secreta,
lá no lago do peito onde imergira
a noite que tomou minha alma inquieta;

e como náufrago, depois que aspira
o ar, abraçado à areia, redivivo,
vira-se ao mar e longamente mira,

o meu ânimo, ainda fugitivo,
voltou a contemplar aquele espaço
que nunca ultrapassou um homem vivo.¹⁸

Mas o embate com outras poéticas se apresenta também na relação com “Nel mezzo del camim...” de Olavo Bilac, que retoma Dante no título em italiano e representa uma poética a que o Modernismo se opunha mais diretamente.

Nel mezzo del camim...

Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha.

¹⁸ Trad. Augusto de Campos. Disponível em: <<http://www.algumapoesia.com.br/poesia2/poesianet192.htm>> Acesso em 04/08/2011>. Acesso em 1 abr. 2012.

Tinhas a alma de sonhos povoada,
E alma de sonhos povoada eu tinha...

E paramos de súbito na estrada
Da vida: longos anos, presa à minha
A tua mão, a vista deslumbrada
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje segues de novo... Na partida
Nem o pranto os teus olhos umedece,
Nem te comove a dor da despedida.

E eu, solitário, volto a face, e tremo,
Vendo o teu vulto que desaparece
Na extrema curva do caminho extremo.¹⁹

Muitos viram no poema de Bilac uma fonte e uma oposição ao poema de Drummond. Fonte no conteúdo e em alguns recursos como a repetição. Oposição porque Bilac é o parnasiano prototípico, praticando a poética que o Modernismo rejeitava, mas que foi o cânone usado para “esculhambar” com Drummond a partir de “No meio do caminho”, questionando até mesmo se ele seria um poeta. Mas a intertextualidade no dito que se transforma aí está presente. Talvez a presença dos cânones clássicos renascidos nos parnasianos seja a pedra no caminho que Drummond teve que enfrentar para construir sua poesia.

Drummond intertextualiza com seu próprio poema em muitos momentos, inclusive referindo a reação que ele provocou, o acatamento, mas sobretudo a rejeição de que foi objeto.

Em “Consideração do poema”, Drummond coloca algo de sua poética, do seu fazer literário e toca na intertextualidade que considera fundamental em seus trabalhos tanto no seu dizer anterior (“Uma pedra no meio do caminho / ou apenas um rastro, não importa” – “sentir que há ecos, poucos, mas cristal, / não rocha apenas”), quanto no dizer de outros (Vinicius, Murilo, Neruda, Apollinaire, Maiakovski) “Furto a Vinicius [...]

¹⁹ In: *Poesias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1978.

vida que joguei”. Percebe-se que nem sempre a pedra é algo mau, mas algo de qualidade e beleza, pois o poeta diz “[...] mas cristal, / não rocha apenas”.

Consideração do poema

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que todas me convêm.
As palavras não nascem amarradas,
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.

*Uma pedra no meio do caminho
ou apenas um rastro, não importa.
Estes poetas são meus. De todo orgulho,
de toda a precisão se incorporaram
ao fatal meu lado esquerdo. Furto a Vinícius
sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo.
Que Neruda me dê sua gravata
chamejante. Me perco em Apollinaire. Adeus, Maiakovski.
São todos meus irmãos, não são jornais
nem deslizar de lancha entre camélias:
é toda a minha vida que joguei.*

Estes poemas são meus. É minha terra
e é ainda mais do que ela. É qualquer homem
ao meio-dia em qualquer praça. É a lanterna
em qualquer estalagem praça. É a lanterna
em qualquer estalagem, se ainda as há.

– Há mortos? Há mercados? Há doenças?
É tido meu. Ser explosivo, sem fronteira,
por que falsa mesquinhez me rasgaria?
Que se depositem os beijos na face branca, nas principiantes rugas.
O beijo ainda é sinal, perdido embora,
da ausência de comércio,
boiando em tempos sujos.

Poeta do finito e da matéria,
cantor sem piedade, sim, sem frágeis lágrimas,
boca tão seca, mas ardor tão casto.
Dar tudo pela presença dos longínquos,

*sentir que há ecos, poucos, mas cristal,
não rocha apenas, peixes circulando
sob o navio que leva esta mensagem,
e aves de bico longo conferindo
sua derrota, e dois ou três faróis,
últimos! Esperança do mar negro.
Essa viagem é imortal, e começá-la.
Saber que há tudo. E mover-se em meio
a milhões e milhões de formas raras,
secretas, duras. Eis aí meu canto.*

Ele é tão baixo que sequer o escuta
ouvido rente ao chão. Mas é tão alto
que as pedras o absorvem. Está na mesa
aberta em livros, cartas e remédios.
Na parede infiltrou-se. O bonde, a rua,
o uniforme de colégio se transformam,
são ondas de carinho te envolvendo.

Como fugir ao mínimo objeto
ou recusar-se ao grande? Os temas passam,
eu sei que passarão, mas tu resistes,
e cresces como o fogo, como casa,
como orvalho entre dedos,
na grama, que repousam.

Já agora te sigo a toda parte,
e te desejo e te perco, estou completo,
me destino, me faço tão sublime,
tão natural e cheio de segredos,
tão firme, tão fiel... tal uma lâmina,
o povo, meu poema, te atravessa.²⁰

O próprio Drummond em Andrade (2010, p. 240-246) apresenta-nos poemas seus com marcada intertextualidade com “No meio do caminho”. Vejamos dois deles em que a memória dos fatos todos se cruza intertextualmente com todos os textos que compõem a memória textual de “No meio do caminho”.

²⁰ Excerto de *A rosa do povo*, de 1945. In: *Reunião – 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 75. Grifos nossos.

Legado

Que lembrança darei ao país que me deu
Tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?
Na noite do sem-fim, breve o tempo esqueceu
minha incerta medalha, e a meu nome se ri.

E mereço esperar mais do que os outros, eu?
Tu não me enganas, mundo, e não te engano a ti.
Esses monstros atuais não os cativa Orfeu,
a vagar, taciturno, entre o talvez e o se.

Não deixarei de mim nenhum canto radioso,
uma voz matinal palpitando na bruma
e que arranque de alguém seu mais secreto espinho.

De tudo quanto foi meu passo caprichoso
na vida, restará, pois o resto se esfuma,
Uma pedra que havia no meio do caminho
(ANDRADE, 1976, p. 165, grifos nossos).

Neste poema o lamento pela não consideração de toda a sua obra, aparece em uma intertextualidade com tudo o que disseram a respeito de “No meio do caminho”. A forma de soneto com versos de doze e treze sílabas, rimados como exigem certos cânones poéticos, pode ser uma forma de responder a quantos o acusaram de não ser poeta. Do mesmo modo, o poema abaixo registra o que disseram contra o poema “No meio do caminho” e seu autor e o que esse gostaria que guardassem.

Mas que dizer do poeta
numa prova escolar?
Que ele é meio pateta
e não sabe rimar?

... Que encontrou no caminho
uma pedra, e, estacando
muito riso escarninho
o foi logo cercando?

Que apesar dos pesares
conservou o bom humor,
caça nuvens nos ares,
crê no bem e no amor?²¹.

²¹ ANDRADE, Carlos Drummond. Dados biográficos. In: *Obra completa*. Rio de

Finalmente, registramos quatro poemas que intertextualmente parafraseiam, parodiam ou se inspiram no poema “No meio do caminho”, escarnecendo, atacando o poema e o poeta ou homenageando, elogiando, defendendo o texto a que remetem e seu autor. O primeiro é uma paródia com o intuito de escarnecer do poema.

*No caminho da vida*²²

Todo o mundo tem uma pedra debaixo do pé
Debaixo do pé todo o mundo tem uma pedra
Todo o mundo tem uma pedra debaixo do pé
Entre a meia de seda almofadinha
E a sola do pé cheia de chulé
Nunca havemos de nos esquecer dessa pedra soveladeira
Que fica debaixo do pé
Entre a meia almofadinha
E a sola do pé cheia de chulé
Todo o mundo tem uma pedrinha debaixo do pé.

Uma segunda paródia, feita por Gondin da Fonseca com o objetivo de criticar Drummond e escarnecer da sua capacidade poética. Evidentemente uma crítica negativa, pois o poema vem precedido de um comentário tal como transcrevemos abaixo:

[...] Hoje não se rima. Um cabra vai pela rua, tropeça por exemplo numa casca de banana, papagueia a coisa umas quatro ou cinco vezes e pronto! Está feito um poema:

Eu tropecei agora numa casca de banana.
Numa casca de banana!
Numa casca de banana eu tropecei agora.
Caí para trás desamparadamente,
E rasguei os fundilhos das calças!
Numa casca de banana eu tropecei agora.
Numa casca de banana!
Eu tropecei agora numa casca de banana!²³

Janeiro: Aguilar, 1964. p. 413 (apud ANDRADE, 2010, p. 246).

²² Paródia de um poema de Carlos Drummond de Andrade. *Voz do Oeste*. Doris do Indaiá, MG, 13 jul. 1930 (apud ANDRADE, 2010, p. 55, publicada com o pseudônimo de Bellini).

²³ FONSECA, Gondin da. Contra-a-mão: os nossos atuais gênios poéticos. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26 ago. 1938 (apud ANDRADE, 2010, p. 59).

Esta paródia evidencia como o interdiscurso e o intertexto são importantes na construção da significação, pois a troca da “pedra” pela “casca de banana”, faz com que o poema perca sua vasta gama de possibilidades significativas, já que pouco há para ser ativado pela memória significativa na história social do signo “casca de banana”.

Vejamos agora dois poemas que defendem, homenageiam, dialogam com o poema e interpretam-no em sua inspiração tanto no conteúdo quanto na forma.

*Poema*²⁴

Há uma pedra e há um caminho
no poeta Carlos Drummond
e muita gente chorando
chorando não sei por quê.

Bebamos inteligência
bebida que poucos têm
a vida é bela e heróica
a vida sempre faz bem.

Há uma pedra e há um caminho
no poeta Carlos Drummond
caminhos errantes e ermos
com esperanças e mistérios
que poucos podem entender.

Que poucos podem entender?
Expliquem agora por quê.

Bebamos inteligência
bebida que poucos têm
a vida é bela e heróica
a vida sempre faz bem (ALMEIDA apud ANDRADE, 2010).

O poema a seguir, inspirado no de Drummond, de certa forma o interpreta, homenageando. Pode-se ver na segunda

²⁴ ALMEIDA FILHO, Augusto. O Povo. Fortaleza, CE, 6 nov. 1943 (apud ANDRADE, 2010, p. 230-231).

estrofe uma interpretação das que propusemos para pedra (instrumento de ataque) que bem pode ser uma referência intertextual à rede de ataques sofridos por Drummond, em face do poema “No meio do caminho”.

*Vilancete da pedra no caminho*²⁵

Há uma pedra no caminho
da sina de todos nós.
Há quem vê, passa mansinho
há quem não, passa veloz.

Há o que tropeça na estrada
e o que a apanha, renitente
e a joga como pedrada:
é a sina de muita gente.

— Romeiro, segue mansinho
lembra sempre em alta voz
que há uma pedra no caminho
da sina de todos nós.

Finalizamos com um poema mais recente que faz uma paráfrase de “No meio do caminho”, usando definições dicionarizadas e técnicas EM uma interessante “brincadeira” intertextual.

Fractal

Para Lu Menezes

No meio da faixa de terreno destinada a trânsito tinha um
[mineral da natureza das rochas duro e sólido
tinha um mineral da natureza das rochas duro e sólido no
[meio da faixa de terreno destinada a trânsito
tinha um mineral da natureza das rochas duro e sólido
no meio da faixa de terreno destinada a trânsito tinha um
[mineral da natureza das rochas duro e sólido.

Nunca me esquecerei deste acontecimento
na vida das minhas membranas oculares internas em que

²⁵ RIBEIRO, Joaquim. Livro de vilancetes. [1944?] (apud ANDRADE, 2010, p. 232).

[estão as células nervosas que recebem
[estímulos luminosos e onde se projetam
[as imagens produzidas pelo sistema
[ótico ocular, tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio da faixa de terreno
[destinada a trânsito
tinha um mineral da natureza das rochas duro e sólido
tinha um mineral da natureza das rochas duro e sólido
[no meio da faixa de terreno [destinada a trânsito
no meio da faixa de terreno destinada a trânsito tinha um
[mineral da natureza das rochas [duro e sólido
(AZEVEDO, 2006, p. 60).

Como se pode perceber, o sentido do texto depende em grande parte da intertextualidade com as interpretações que lhe deram e ficam gravadas na memória. Essas foram feitas porque se ativou da memória possibilidades significativas estabelecidas como regularidades linguísticas advindas de um ou muitos discursos, da memória do que se pode dizer em dados gêneros, pois o conteúdo temático, enquanto tipo de informação é um dos critérios de caracterização dos gêneros e pouco podemos escapar desse “condicionamento”. Assim a pedra de “No meio do caminho”, nunca foi vista como uma pedra de uma droga, até que se fez a piada, porque este sentido, talvez pouco provável em um poema, é bastante plausível em uma piada, cujo modo de interação é o de uma comunicação não confiável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qual o sentido de “No meio do caminho”? Todos, inclusive o da piada (em um funcionamento discursivo recente) e nenhum. Como disse o próprio Drummond, em carta de 1944 a Laudionor Brasil (ANDRADE, 2010, p. 241), comentando o soneto interpretativo que esse lhe enviara.

Mas confesso-lhe que me surpreendi ao ver surgir ao lado da minha modesta e atacada “pedra no meio do caminho” um

soneto que lhe interpreta e desenvolve o sentido. Porque a referida pedra — vou usar de toda a franqueza — não tem sentido algum, a não ser o que lhe dão as pessoas que a atacam e com ela se irritam. É uma simples, uma pobre pedra, como tantas que há por aí, nada mais. O poema (se assim se pode chamar) em que ela aparece não pretende expor nenhum fato de ordem moral, psicológica ou filosófica. Quer somente dizer o que está escrito nele, a saber, que havia uma pedra no meio do caminho, e que essa circunstância me ficou gravada na memória. Como vê, é muito pouco, é mesmo quase nada, mas é o que há (ANDRADE, 2010, p. 241).

Não é que o poema não tenha sentido. Tem. Mesmo que seja o que Drummond diz: uma simples pedra (a rocha) que estava no meio do caminho, ou todos os outros que lhe foram atribuídos por críticos, comentaristas, jornalistas, cronistas, amigos, inimigos, leitores em geral. O que importa aqui é que esses sentidos foram instituídos a partir de elementos de que lembramos (memória), de acordo com nossas circunstâncias de vida e o que nelas acreditamos e constituem nossa visão do mundo. Enfim, a lembrança das coisas todas que nos levam a nos expressarmos de determinado modo e não de outro (discurso) e de acordo com as relações com o dito e com o dizível, constituindo instrumentos de dizer para agir nestas circunstâncias (gêneros), em uma relação entre discursos ou realizações de um mesmo discurso (interdiscursividade) e todos os ditos e dizíveis (intertextualidade) de acordo com um ou mais discurso(s) e em um gênero ou gêneros que condicionam, em muitos aspectos, nossa ação por meio da linguagem. A memória é condição de existência de discursos, gêneros, objetos do dizer. Como dissemos, a memória é um meio em que o que somos existe. Portanto um meio em que nossos discursos e seus temas e nossos gêneros existem em um interdiscurso e em um intertexto. A memória pode então ser como a condição de possibilidade de discursos e gêneros e os efeitos de sentido que eles podem instaurar.

Creio que o exemplo do poema de Drummond e da piada em que ele é interpretado serviu para evidenciar como o sentido do texto depende do discurso, do gênero, da memória. Para cada gênero é possível um tipo ou campo de sentido ou sentidos, para cada discurso outro novo ou antigo sentido se estabelece. Tudo fica na memória e é ativado quando precisamos dizer algo ou compreender algo que foi dito. As regularidades, os conceitos, os princípios ficam arquivados em um intertexto e um interdiscurso que existem na memória e são a fonte do que podemos significar com nosso dizer.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. **Reunião: 10 livros de poesia**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

_____. **Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema**. 2. ed. ampl. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2010.

ARRIGUCCI JR., D. **Coração partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

AZEVEDO, C. **Sublunar**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio – dicionário eletrônico da Língua Portuguesa – século XXI**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [2009].

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

GUIMARÃES, E. Enunciação e história. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989. p. 71-79.

HOUAISS, A. **Drummond mais seis poetas e um problema**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MICHELETTI, G. Memória e constituição do discurso d'a pedra do reino de A. Suassuna. In: _____. (Org.). **Discurso e memória em Ariano Suassuna**. São Paulo: Paulistana, 2007. p. 51-72.

ORLANDI, E. P. A análise de discurso: algumas observações (retrospectiva). D.E.L.T.A. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 105-126, 1986.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1987.

_____. Une confrontation dans le langage. *Langage et Société*. Paris, n. 46, p. 45-66, [198-].

SANTOS, I. P. dos. A memória no discurso do *Auto da compadecida*. In: MICHELETTI, G. (Org.). *Discurso e memória em Ariano Suassuna*. São Paulo: Paulistana, 2007. p. 91-105.

SARAIVA, A. Apresentação. In: ANDRADE, C. D. de. *Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema*. 2. ed. ampl. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2010. p. 27-44.

TRAVAGLIA, L. C. A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies. *ALFA*. São Paulo, v. 51, n. 1, p. 39-79, 2007a. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1426>>. Acesso em: 1 abr. 2012.

_____. Das relações possíveis entre tipos na composição de gêneros. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS (SIGET), 4. 2007b, Tubarão, RS. *Anais...* Tubarão, RS: UNISUL, 2007b. p. 1297-1306.

_____. Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. In: FÁVERO, L. L.; BASTOS, N. M. de O. B.; MARQUESI, S. C. (Orgs.). *Língua Portuguesa pesquisa e ensino*. v. 2. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007c. p. 97-117.

_____. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português*. 1991. 454 f. Tese (Doutorado em Linguística) - UNICAMP. Campinas, SP, 1991.

VARGAS, M. V. A. de M. Memória e interdiscurso na construção do sentido de *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna. In: MICHELETTI, G. (Org.). *Discurso e memória em Ariano Suassuna*. São Paulo: Paulistana, 2007. p. 73-90.